

Instituto Natural de Desenvolvimento infantil



Escritor: Davi Timo



20 de outubro de 2020

SUMÁRIO

- Capítulo 1 3
- Capítulo 2 5
- Capítulo 3 7
- Capítulo 4 8
- Capítulo 5 10
- Capítulo 6 12
- Capítulo 7 14
- Capítulo 8 16

Capítulo 1

O mais novo saco de carne

O cheiro de orvalho era calmante, chegando na casa do mais novo saco de carne, esse cheiro de orvalho foi substituído por cheiro de morte fresca, eu quase posso visualizar a cena, 23 facadas, marcas de dentes na traqueia, foi uma boa caçada. Aquele tenente inútil, estava verdadeiramente frustrado com o andar da investigação, aquele homem simplesmente não consegue ligar os pontos. Os rastros de sangue vinham da cozinha, o porta facas estava sem a maior de suas facas, é no mínimo óbvio.

Nos rastros, havia três pontos onde se concentrava mais sangue, uma pocinha ou um espirro de sangue na parede: uma ao lado do porta facas, uma na quina da mesa, logo depois de uma cadeira caída, e uma bem ao lado do corpo. Acredito que o mais novo saco de carne tenha tentado fugir do caçador, depois de tomar a primeira facada, o sujeito correu como pode, e, em uma tentativa desesperada de sobreviver, ele jogou a cadeira no chão, como um obstáculo.

É uma cadeira robusta, levando em conta os ferimentos, acredito que ao derrubar a cadeira, o pobre coitado tenha perdido o equilíbrio e tenha sido apunhalado novamente. Sendo assim, abatido, ele tentara fugir para a sala, fraco e debilitado pela perda constante de sangue, ele eventualmente cairia ao chão, assim, tomando a terceira facada. Depois disso, aconteceu o que aconteceu.

Vinte... É um número redondo, isso sugere uma certa frieza ao finalizar a caçada, provavelmente o caçador era frequente em seus atos, seria ele um de nós? Provavelmente não, isso deve ser uma conclusão precipitada vindo de minha parte, essa ideia me empolga muito. Para ser sincero, fantasio sobre isso muito, seria divertido encontrar um verdadeiro caçador novamente, mas creio que eu fantasio e sonho demais, o melhor é simplesmente me contentar com o que tenho.

O desgraçado se deu ao trabalho de limpar o sangue de seus sapatos e provavelmente de suas mãos, os arredores da casa são muito bem

desenvolvidos, calçada e asfalto estão por toda a parte em um raio de 20km. Só deus sabe para onde esse cara fugiu, e logo eu também saberei.

Francamente, não é possível fugir o caçador de caçadores, eles pela primeira vez fizeram uma decisão sábia, me tiraram do buraco, a maior arma deles, o melhor cão farejador, vou botá-los no buraco de onde me tiraram, principalmente os seduzidos pelos prazeres da carne e do sangue, esses conhecerão o inferno, pessoas como eu merecem o pior.

Capítulo 2

O bonde da agonia

Mais um caso resolvido facilmente, voltando para a delegacia, os idiotas de escudo no peito preferem deixar aquele tenente inútil, agora eu entendo como era fácil escapar desses caras. Eu, como todo cidadão educado, abaixei a cabeça para os desgraçados e dei meia volta em direção ao meu Palio 2010, dei meu boa noite a secretária, e, mesmo a cobra não me respondendo, continuei andando até o carro.

Adentrei calmamente repetindo para mim mesmo: “Eu não sou mais esse cara, eu não sou mais esse cara.” Depois de andar mais ou menos um quilômetro e meio, um civil me fechou, logicamente, eu tive um ataque de raiva, quem aguentaria? Acabei batendo o carro em uma árvore, o meu carro ficou realmente destruído, chamei um guincho (que demorou cerca de três horas para chegar) e o levei a um mecânico.

Ele vai demorar três dias para arrumar o carro, vou ter que ir à caçada de ônibus. Por sorte, o mecânico fica bem do lado da minha casa, por hoje, eu não vou precisar andar em transporte público.

Voltei para casa e tive meu merecido descanso, acordei bem cansado, a ideia de ter de usar transporte público me perturbava como um pernilongo. Depois de me preparar para a caçada, dirijo-me ao ponto de ônibus, está frio, o ponto de ônibus está vazio, um ambiente tranquilo e calmo, eis que o ônibus chega, e esse cenário se inverte completamente, sufocante, apertado, movimentado, sujo, fedido e barulhento, esses são os adjetivos perfeitos para descrever uma volta em um transporte público.

O pior de tudo é que o bonde infernal em que eu estava alocado não me levava direto ao trabalho, ele me levava à rodoviária. Chegando lá, aquele lugar repleto de torturados estava lotado, a vontade era de chorar, dentre as multidões, finalmente encontro um aglomerado de pessoas, uma de costas para a outra, todas viradas na mesma direção: eu havia encontrado minha fila. Tudo bem, no mínimo dava para ver o final, esperei um tempo, quando chego no final...

Me deparo com uma velha um tanto mal encarada, conseguia sentir seu cheiro forte só pelo buraco do vidro, ela não dizia nada, só me olhava

esperando que eu dissesse alguma coisa, como o bom cidadão que sou, dei-lhe bom dia, ela acenou com a cabeça, como se ouvisse isso toda hora. Logo em seguida, pedi um passe para o inferno (passagem de ônibus, como os tolos falam). Ela me entregou sem dizer uma palavra, me pergunto se ela não fala nada o dia inteiro, de uma forma estranha, eu me identifico com ela.

Enfim, consegui minha passagem em cima da hora, corri para onde o ônibus foi designado para parar, e uma multidão adentra aquele veículo desordenadamente, respirei e mantive o foco na missão. Como uma pessoa normal (pois eu sou uma), entrei no ônibus, o clima estava fresco e úmido, era manhãzinha, mas o ônibus invertia isso, abafado e caótico, adentrei o bonde do horror. Eram 6:30 da manhã, meu turno era o da tarde, das 11:00 até as 16:00, agora, porque eu fiz isso? Simples, a delegacia fica três horas e meia da rodoviária e eu vou de ônibus.

Quando o bonde da agonia chegou, eu gelei, simplesmente não queria entrar, não conseguia me mover, isso me faz recordar da época de escola, mamãe sempre me dizia: “Ignore as coisas ao seu redor, se a escola é o último lugar onde você deseja estar, simplesmente coloque um pé na frente do outro continuamente e pense em alguma coisa que gosta.”

É exatamente isso que eu faço, um pé na frente do outro, só tenho dificuldades de pensar em algo que eu gosto, isso normalmente não me vem a mente de primeira. Ao entrar no ônibus, lembro da minha mãe, como ela me ensinou a não desperdiçar comida, disciplina, respeitar as pessoas, eu só sinto pena dela por ter tido o trabalho de criar o meu irmão, aquele bastardo sempre foi uma decepção.

Capítulo 3

Relatório de oficial xxxx xxxxx

Data:9/8/xxxx

Redigente:Tenente xxxx xxxx

Relatório de oficial/Detetive xxxx xxxxx: Apresenta problemas de comportamento, é suspeito de diversas síndromes e transtornos em alta intensidade, se irrita facilmente por coisas banais quando não está na presença de um cadáver.

Suspeitamos de algumas síndromes como: depressão, ansiedade ou transtorno bipolar do humor, talvez sejam todos ao mesmo tempo, o detetive foi diagnosticado com psicopatia logo antes de entrar na polícia, e logo depois do suicídio de xxxx xxxxx, ele foi prontamente encaminhado a uma psiquiatra, a doutora xxxx xxxx. Lá, só foi possível se diagnosticar a psicopatia, devido ao mal comportamento do paciente.

As suspeitas de outras síndromes e a dúvida da sua periculosidade foram aparentemente ignoradas pelo juiz xxxx xxxxxx, que decretou que o paciente deveria ser liberto de seus exames e tratamentos. Suspeitamos também da síndrome de Estocolmo, pois o detetive demonstra ótimas lembranças de xxxx xxxxx que exercia maus tratos, com vários tipos de torturas, como: deixar xxxx xxxxx de jejum por aproximadamente 36 horas, quando xxxx xxxxx alegava não aguentar mais comer, enchia o prato novamente e o forçava a comer, quando xxxx xxxxx vomitava, teria de ingerir o próprio vômito pois senão estaria desperdiçando comida, além de surras pesadas e constantes por coisas banais.

Capítulo 4

Despreparo total

Ao chegar na estação da delegacia, o alívio vem forte e é instantâneo. A viagem por sorte não foi tão desgastante, a técnica da mamãe definitivamente funciona.

Finalmente, depois de uma manhã árdua e sofrida, adentro a delegacia! De imediato sou abordado pelo tenente, que me disse de uma investigação, que, é claro, estava sob sua responsabilidade. É verdadeiramente um grande tenente! Mas sendo sincero, eu até gosto de um trabalho extra.

Era um assassinato num bordel, uma das mulheres que trabalha lá havia estrangulado um cliente. Se fosse eu no lugar dela, confesso que também não conseguiria me segurar.

Chegando ao local, o clima está mórbido, os clientes aparentam-se mais a bestas sedentas por prazer do que humanos, eu quase senti pena das mulheres que trabalham lá. Ao entrar no local, percebi que era um lugar um tanto precário, os corredores eram apertados, a nossa equipe de gados do governo, tinha de agachar para conseguir passar por eles.

Na cena do crime, estava um cadáver de homem que foi aparentemente estrangulado, deitado em uma cama desarrumada, ele tinha hematomas nos punhos e nas palmas das mãos, seu corpo estava todo roxo, o cheiro não estava nada forte e o corpo nem estava tão frio, havia acabado de ser abatido.

Nada de câmeras de segurança, então, só me restou perguntar a todos os empregados do local, depois de umas quatro conversas genéricas, finalmente encontrei um depoimento útil, uma das funcionárias havia visto uma colega com o corpo todo roxo saindo pela porta, e se dirigindo aos fundos do recinto.

Chegando lá: colchões e lençóis. A encontramos chorando, infelizmente ela não parecia ser uma caçadora experiente, ela se entrega aos gados do governo que a levam violentamente ao carro de polícia. Acredito que não havia necessidade de agressão, não que eu me importe, é que eu só acredito que uma organização com um discurso tão moralista, não gostaria que seus oficiais agredirem sem motivo, para mim isso é uma grande incongruência.

Enfim, a suspeita foi algemada, no caminho eu percebo a tensão nela aumentando, o olhar vazio, as mãos inquietas, eu jamais esqueceria esse rosto, foi o dia que a mãe se foi que eu vi esse maldito pela primeira vez. Alertei os gados:

- Ela não está completamente sã, tentem pressionar menos.

Logicamente, fui ignorado! Eles apontavam suas armas, diziam como ela iria apodrecer na cadeia.

Sendo sincero, eu acho até engraçado, é ironicamente trágico, meu único medo é o estado mental da suspeita, se ela não estiver viva, eu nunca saberei se eu acertei na investigação. Claro, eu tenho minha fama de nunca errar, mas eu simplesmente não posso dormir a noite se eu não souber o que definitivamente aconteceu.

Quanto mais perto chegamos da delegacia, mais a suspeita é provocada e amedrontada, mais a suspeita fica apreensiva e mais eu me preocupo com o andar da investigação e da minha noite de sono.

Capítulo 5

Segurança

Ao chegar na delegacia, os cães estavam muito exaustos depois de um dia de serviço mal feito. Ok, pertinentemente, deixaram a suspeita sozinha dentro de uma cela. Numa tentativa de combater minha insônia, pedi permissão aos meus “superiores”, queria fazer um plantão na sala de segurança, e finalmente eles fizeram algo de útil em suas vidas! Permitiram-me na sala de segurança.

O oficial que geralmente trabalha lá, estava me orientando, e estava o fazendo entusiasmadamente. Justo, hoje ele teve uma grande sorte, ele ficou aqui correndo atrás de um trabalho que simplesmente não é sua função, teve que acordar lá pelas 5:30 da manhã, e por causa de uma neurose, vai ter que virar a noite, dei a ele um dia de férias.

No mínimo a sala é limpa, bem iluminada e bem equipada com bastante café. Quase que saltitante, o oficial que cuidava das câmeras sai da sala. São definitivamente muitas câmeras, mas meus olhos estão apontados somente para a suspeita do bordel. Ela estava sentada em sua precária cama na cela, a atmosfera estava um tanto tensa.

Passei a noite toda vigiando-a, ela não dormiu um segundo sequer. Por volta das 8:00 horas da manhã, alguns oficiais adentraram a sala de segurança, quando me viram, se espantaram com minha cara de cansado, eu não os culpo, imagino como devia estar, só imagino, porque fui direto para a cela da suspeita.

Chegando lá, tenho mais ou menos a noção de como meu rosto estaria, ela está simplesmente acabada, seu nariz escorrendo, seu olho arregalado, olheiras que pareciam mais de um panda.

Enfim, eu e os cães do estado direcionamos a suspeita até a sala de interrogatório, eu gostaria de começar interrogando, mas os oficiais não me cederam tal privilégio.

O primeiro falava algumas coisas num tom baixo, de cabeça baixa, e vez ou outra acertava uma pancada na mesa. É até engraçado de dizer, mas o segundo fez exatamente a mesma coisa.

O terceiro era o tenente, esse começou a bater na mesa o tempo todo, gritos e xingamentos eram constantes, o nível de tensão era exorbitante, tanto que em uma atitude insana, a suspeita atacou o tenente com mordidas, o tenente queria que a suspeita sofresse a pior das penas, porém, o interrogatório foi adiado, Graças a Deus!

Capítulo 6

Dentre colchões

Após voltar para casa de transporte público, tive meu merecido e prolongado descanso, já que era de tarde quando o ataque contra o tenente aconteceu.

Apesar de estar completamente exausto, eu não consegui dormir, por isso, tive de ir a uma farmácia e usar um remédio para dormir. Minha mãe sempre usou esses remédios, passava por volta de dois dias fora de casa, e quando voltava, estava totalmente suja e acabada, mal tomava banho, ia direto para a cama. Essas fugas de casa, aconteciam principalmente depois do meu irmão vir visitar-nos, ela sempre sofreu muito por conta dele, e quanto mais ela sofria, mais eu sentia dó. Às vezes me bate uma saudade repentina da mãe.

Enfim, depois de acordar de manhã, fui à rodoviária, o meu dia estava péssimo, como o esperado, até a hora de comprar a passagem, aquela mesma senhora estava lá, o olhar sem vida dela era estranhamente encantador aos meus olhos de um homem normal. Acabei sem perceber encarando-a durante alguns segundos, até que ela me pergunta: “Qual passagem?”

Tomei um susto, pois eu nunca havia escutado a sua voz, era uma voz cansada, bem áspera e bem grossa, por ter ouvido pela primeira vez, tive outra paralisia, ao passar mais ou menos 5 segundos, ela me lança um olhar desconfiado, que, por sua vez, faz com que eu volte a mim:

- P-pro posto da delegacia.

Digo eu, gaguejando, como um impulso para voltar a mim. Logo depois, ela me entrega a passagem sem dizer mais uma palavra, e com indiferença. Dirigindo-me ao ônibus, não consigo parar de pensar nela, a viagem de ônibus foi bem rápida e agradável, eu mal podia acreditar nisso, eu acredito que o ônibus seja um lugar onde não é exigida muita concentração, por isso, quando estou refletindo sobre algo, eu odeio admitir, mas o ônibus é um ótimo lugar para isso.

Ao chegar na delegacia, já percebo um amontoado de pessoas na frente da porta, logo percebi que era uma discussão generalizada. Os oficiais estavam fazendo uma espécie de barreira, o tenente e um homem que eu nunca tinha visto antes, não estavam participando dessa barreira, o tenente

parecia bem zangado. Ao chegar perto da “barreira humana” abriram um espaço para que eu pudesse passar, enquanto o tenente gritava mais e mais com os oficiais, perguntei à recepcionista o que estava acontecendo.

Aparentemente o homem ao lado do tenente era advogado, o tenente tinha o contratado para a defesa da suspeita e estava exigindo um julgamento. É bem provável que esse tenente tenha o subornado.

Fazer o que?

Capítulo 7

Interrogatório

Chegando na sala de interrogatório, os oficiais da polícia me permitiram participar diretamente do interrogatório! Finalmente, estava lá, a maldita e inalcançável suspeita, finalmente estava em minhas mãos!

Ao entrar na sala, disfarço minha empolgação. Para passar uma imagem intimidadora, coloquei os documentos na mesa calmamente, e tranquilamente, comecei a conversar com a suspeita, comecei com algo como:

- Eu sei que você está assustada.

Quando o suspeito não se abre ao interrogador, para mim, uma abordagem mais meiga, focando bastante no lado emocional, é a melhor abordagem. O suspeito passa a te ver como um amigo, um ombro para chorar, pois está passando por um momento difícil, e precisa de um ponto seguro, se você se aproveitar disso, o interrogado desabafa tudo.

- Você estava prestando serviço para um homem que já foi condenado. Quatorze anos de prisão por agressão doméstica.

Uma mentira que eu inventei na hora, o homem não tinha nada na ficha criminal, pelos hematomas em seus punhos, acredito que houve um confronto, não faço ideia de quem começou a agressão.

- Ele te bateu?

De cabeça baixa, a suspeita murmurou:

- Sim..

Tentando uma aproximação mais brusca, eu digo:

- Como que isso aconteceu?

Ela responde com sua voz e cabeça levemente baixas:

- Ele me disse algo sobre socos, disse que não machucaria, ele aparentemente se foi se empolgando, até que eu sentia que a minha vida estava em risco, senhor, numa tentativa desesperada de sair dessa situação, eu pulei no pescoço e apertei o mais forte que eu conseguia, eu simplesmente não pensei nas consequências.

Digo enquanto estou anotando tudo num caderno pessoal meu:

- Ok....

Como eu disse! Essa foi bem fácil na verdade, humanos sempre precisam de um amigo para conversar, ninguém aguentaria essa pressão.

Depois de conseguir a confissão, eu saio da sala. Sinceramente, até fiquei curioso se ela será condenada ou não, até onde eu conheço de direito, ela não será pesa, porém, conhece o governo e o descaso que faz em relação às pessoas que moram em periferias. Talvez o juiz simplesmente a condene, numa tentativa de acabar com o problema de forma rápida, e preguiçosa (diga-se de passagem).

Capítulo 8

Livre

Finalmente, pude dormir bem, depois dos 3 dias de trabalho incessante, eu acabei tendo direito a três dias de recesso, não aderi a esses privilégios, no momento, eu tenho o total de um mês de férias acumulado por trabalho extra, é uma diversão, não é um sacrifício, é uma diversão, mas dessa vez, eu tinha acumulado tanto, que eu acabei sendo forçado a tirar minhas férias.

A pior parte foi quando eu estava saindo da delegacia, uma TV quadrada no canto superior da sala, os motoristas de ônibus estavam em greve, eu aluguei uma bicicleta, e voltei para casa, acabei por pegar a bicicleta emprestada por alguns dias.

Acordei de manhã, eu me sentia bem estranho, era a hora em que eu ia para o trabalho, mas eu estava de férias. Hoje eu simplesmente não iria trabalhar, sentei na minha poltrona que fica ao lado da minha janela, e observei minha casa.

Havia quadros que eu por algum motivo me interessei quando os avistava, normalmente isso acontecia em feiras, cadeiras em que eu vi beleza, uma mesa chique. De resto, presentes do meu irmão pra mim, ele sempre destratou a mãe, fugiu de casa aos treze anos, e trabalhou como ajudante de sapateiro um bom tempo, ele trabalhava incessantemente, eu sei de tudo isso pois ele vinha me visitar, queria fugir comigo da mãe, nunca entendi bem o motivo.

Para ser sincero, ele vinha escondido, normalmente enquanto a mãe trabalhava, e ela trabalhava muito, era doméstica, desde que meu irmão saiu de casa, a mãe começou a apresentar algumas mudanças de comportamento, ela trabalhava mais, ela passava mais tempo sozinha dentro do quarto, eu ouvia ela chorar bastante, ela começou a ficar mais rígida em seus castigos.

Um dia, meu irmão chegou em casa, estava realmente muito feliz, me disse que havia dado uma grande sorte, e começaria a trabalhar na Unicef, eu, só um garoto, estava ainda entendendo o que estava acontecendo, quando a felicidade dele estava me contaminando, o seu sorriso repentinamente sai de seu rosto.

Ele diz que seu trabalho envolve diplomacias e viagens, então nós só iríamos nos ver em tempos e tempos, coisa como uma vez em quatro anos.

Eu fiquei furioso, era como se ele tivesse me traído, destruiu o psicológico da mãe, era meu único amigo, alguém que eu admirava, eu peguei a faca, fui para cima dele e o esfaqueei. Hoje eu voo junto dele, a janela ventava, meu pijama e minha cueca samba canção sacudiam com o vento, eu finalmente estava livre.